Tomo I	Número 10	Setembro e Outubro de 1958

RIO DO SUL, uma das mais novas cidades da Bacia do Itajaí-açu, nem por isso deixa de ser das mais prósperas, importantes e ricas. Situada na confluência dos rios Itajaí do Sul e Itajaí do Oeste, formadores do Itajaí-açu, é centro de uma zona colonial florescente, de ponderável volume de produção agrícola e industrial, exportadora de muita madeira, cereais, laticínios, carnes beneficiadas, banha, fumo, arroz, etc.

Suas ruas são calçadas, bom serviço de luz e energia elétricas, uma bela praça e magnífica matriz, da qual publicamos uma fotografia neste Caderno. Bons hotéis, cinema, colégios para ambos os sexos, dirigidos pelos Revmos. religiosos salesianos.

O turista que vier ao Vale do Itajaí, não pode deixar de fazer uma demorada visita a Rio do Sul e aos seus pitorescos arredores.

Blumenau em Cadernos

Mensário dedicado à história e aos interêsses do Vale do Itajaí

Assinatura 12 números .... Cr$ 100,00
Número avulso .... Cr$ 10,00

Administração e responsabilidade de Luiz Ferreira da Silva.
Tôda a correspondência deverá ser dirigida a

Blumenau em Cadernos
Caixa Postal, 425
BLUMENAU — S. CATARINA

Tomo I	Número 10	Setembro e Outubro de 1958

Itapocoroí

Escôrço Histórico

Almirante Lucas A. BOITEUX

AO norte do Estado, entre os portos de S. Francisco e do Itajaí, limitada pelas pontas de Jurujuba ou do Vigia e das Piçarras, abre-se ao mar, por três milhas, a vasta, profunda e abrigada baía conhecida por Itapocoroí. *Vários acidentes marítimos, no entanto, de mor ou menor perigo se apresentam ainda a incautos navegadores na profundeza de suas águas, tais como os arrecifes da Ilha Feia, que piratas a tornaram lendária, a pedra da Sonda, o parcel Manuel Antonio onde, em 28 de novembro de 1905, o cruzador argentino* Nueve-de-Julio *teve o casco arrombado ao praticar levantamentos hidrográficos clandestinos, etc.*

O visconde de Taunay dela nos deixou, em "Céus e terras do Brasil", magnífica impressão, que resumiremos no trecho abaixo: — "De quantas (perspectivas), porém, na pitoresca e hospitaleira província de Santa Catarina merecem menção mais especial, nenhuma há — nenhuma por sem dúvida — que em magnificência, serenidade e amplidão, sobrepuje aquela que se goza do alto de uma colina a cavaleiro sôbre o mar, perto de uma antiga feitoria destinada à pesca das baleias e conhecida por Armação de Itapocoroí.

"Concentre-se por instante o leitor e, entregando-se às asas da fantasia, transporte-se para aquêle outeiro, no tôpo abaulado e garridamente gramado, na base porém penhascoso e cheio de socavas e pontas. Dois, então, dêsses promontórios avançam brutalmente mar em fora, como que rasgando o seio das águas com a fúria que impeliu Alarico, o bárbaro, a conquistar as ondas, quando não encontrou mais terras que devastar em sua aniquiladora loucura... Volte-se agora o espectador, e difícil de certo lhe será reter um grito de admiração e pasmo. Há pouco, vira o Oceano em sua acabrunhadora grandeza, na qual impera

soberana a monotonia. Agora, é o mar sereno, diáfano, o mar risonho, esmeraldino, a se espreguiçar molemente numa curva extensíssima em que a areia resplende como um fio de prata, formando uma parábola de ramos desiguais, desde a ponta da Cruz, bem perto de nós, até a da Penha, lá longe, e que mal aparece, esbatida pela muita distância".

ITAPOCOROÍ, nome pelo qual é conhecida a referida baía é de procedência tupi-guarani e vêmo-la também grafada: Itapacoroí, Itapacoroia, Itapacaroia, Itapacaroi, Itapocoroy, Itapucuroi. *"Com os Snrs. Aube e Torrezão — observa o naturalista Saint-Hilaire — escrevo* Itapocoroia, *pois é assim que pronunciam no lugar. Essa palavra parece provir do guarani* Itapacará, *parecida com um muro de pedra".*

Teodoro Sampaio, no entanto, em " O tupi na geografia nacional" grafando-a Itapacoroya, *corr.* Itapé-coroi, *dá-lhe o significado de "a laje que emerge, rochedo que sobressai".*

Se assim é, julgo, que essa denominação, mais que à formosa baía, corresponde à laje que aflora na maré baixa à 1,7 milha a lés-sueste da ponta Jurubatuba.

Dos antigos mapas, que tenho manuseado, foi o de João Abreu Gurjão, de 1747, em que deparei pela primeira vez o topônimo Tapocoroy, *assinalando êsse acidente da costa catarineta. O da "América meridional" de Anville (1749) conserva a mesma grafia, mas o "Mapa das Côrtes" (1749) e o de Olmedila* (1775) *o fazem* Tapacroya.

Munidos de uma provisão, datada de 27 de abril de 1759, — anota Monsenhor Pizarro de Araujo — os indivíduos Bento da Silva Veloso e Tomé da Silva ergueram uma Capela dedicada a S. João Batista em o belo e amplo planalto das Piçarras. Os contratadores da pesca de baleias, Inácio Pedro Quintela e outros negociantes de Lisboa, em 1778, estabeleceram na baía em questão uma Armação *assim chamada a feitoria, destinada à exploração da pesca dos grandes cetáceos e dos seus produtos.*

O sábio naturalista Saint-Hilaire, *que a visitou em 1820, assim a ela se refere: "Uma parte dos edifícios da pescaria de Itapocoroia se estendiam à beira-mar. A casa do Administrador (velhote alegre, cortês, ex-capitão da marinha mercante e de palestra interessante), chamada "Casa-grande", a Capela, a moradia do Capelão e dos empregados tinham sido edificadas em um planalto pouco elevado, coberto de grama, que se prolongava até ao sopé de um outeiro cercado de mato. O primeiro edifício à beira-mar servia de alojamento aos homens empregados nas pescarias, ali vivendo com suas mulheres. O que se seguia media 91 passos de comprimento e era chamado "Engenho de frigir", por se fazer ali o azeite; nela havia nove caldeiras de ferro com suas fornalhas. Por detrás do engenho erguia-se outro edifício de igual tamanho dividido em sete reservatórios em que era despejado o azeite. Cada tanque comportava dez pipas dêsse líquido. Acima viam-se os armazéns e as senzalas dos escravos, cercando um páteo quadrado".*

Em 1794 Manuel José Marques e João de Medeiros, alcançaram terras de sesmaria em Piçarras e Itapocoroí; e José Silveira Goulart em Itapocu. Em conseqüência da visita do bispo D. José Caetano Coutinho, o arraial foi elevado, a 30 de julho de 1815, à categoria de Curato sob o orago de Nossa Senhora da Penha, com as seguintes confrontações: ao Norte, o rio Itapocu; a Leste, o Oceano; ao Sul, o rio Gravatá; e ao W. a Serra-geral. Continuava a fazer parte do têrmo da vila de N. Senhora da Graça do rio de S. Francisco do Sul. Foi seu primeiro Cura o Padre José Antonio Martins. Em 1820 a Armação, como deixamos dito, foi visitada pelo sábio naturalista francês Saint-Hilaire, que, de S. Francisco, se dirigia ao Destêrro (Florianópolis). Em 1821 contava o curato 386 fogos e 1675 moradores.

Diz-nos Pizarro ter sido a Armação "utilíssima por haver ali uma população sofrível, de que se organizaram 2 Companhias de infantaria de milícias, uma de Ordenanças, e ser muito boa a sua agricultura. Sua Capela assistida de Capelão, — acrescentava êle, — merece bem ser elevada à Paróquia, como requer o povo habitante dêsse distrito". Em 1831 o Padre Martins foi substituído por Frei Gregório, domínico natural de Castela.

De um relatório do Intendente de Marinha de Sta. Catarina, Miguel de Melo Alvim, de junho de 1827, extraí o seguinte: — "A Armação de Itapacoroí é situada a 14 léguas ao norte da freguesia de S. Miguel, e treze léguas ao sul da vila do rio S. Francisco. Seus edifícios e excelente Capela estão edificados em um aprazível sítio, no centro de um vasto e formoso pôrto. Todo aquêle espaçoso distrito é muito fértil e povoado e seus numerosos moradores, destituídos inteiramente de socorros espirituais pela grande distância e intransitáveis caminhos que há entre as duas freguesias, clamam por uma Igreja para sua Matriz e se dariam por muito felizes se S. M. Imperial lhes concedesse para êsse efeito a Capela da Armação. Nesta hipótese o lugar da Armação convertido em freguesia retornaria em breves tempos uma Povoação florescente; e a Fazenda pública aforando em pequenas porções os terrenos da Armação uns no lugar do Arraial para edificarem, e os mais distantes para cultura, arrecadaria em poucos anos o valor atual dos mesmos terrenos. Querendo também indenizar-se do valor dos Edifícios, parte dos quais deverão ser cedidos com a Capela para residência do Padre e consistório, o conseguiria fàcilmente mediante uma pequena taxa temporária, que os povos voluntàriamente querem pagar, sôbre alguns artigos de exportação daquele distrito: por exemplo, 20 rs. em cada alqueire de farinha ou de arroz que se embarcasse por espaço de dez anos. Os Armazéns deveriam conservar-se por conta da Fazenda para servirem de depósito aos gêneros da lavoura; em cujos aluguéis lucraria constantemente a mesma fazenda pública. Pelos três artigos expostos, parece-me que em menos de dez anos teria a Fazenda recebido com excesso o valor de tôda aquela Armação, de que agora não tira nem é possível tirar o menor lucro, antes está servindo de permanente motivo de considerável despesa; e o que vai a ser inevitàvelmente um montão de ruínas seria convertido em uma linda e florescente povoação".

Na presidência do Brigadeiro João Carlos Pardal, de acôrdo

com a lei provincial n.º 109, de 23 de março de 1839, o curato foi elevado à Paróquia com os mesmos limites. Entretanto, a Igreja paroquial, com a mesma invocação, devia ser construída no mesmo sítio das Piçarras e no local da antiga Capela.

Em 1841 sua população era de 1417 almas livres. Os escravos eram em número de 223. Em 1852 era seu Vigário o Padre Francisco Hernandez, que pela lei provincial n.º 293, de 7 de maio de 1849 alcançara 200$ para reparos da matriz. Tinha êle substituído o Padre Macário César de Alexandria e Souza. Faleceu o Padre Hernandez a 28 de agôsto de 1854. Pela referida lei n.º 109, o páraco receberia os mesmos vencimentos que os demais; e o Cemitério seria feito fora da Igreja.

Com a elevação da freguesia do Itajaí à vila, pelo decreto n.º 464 de 4 de abril de 1858, foi a paróquia de N. Senhora da Penha de Itapocoroí incorporada ao seu têrmo. Ali foi estabelecida uma Escola pública.

Pela lei n.º 510, de 27 de abril de 1861, se fixaram seus limites com a Barra-velha. Em 1864 era seu Vigário encomendado o Padre João Rodrigues de Almeida; em 1877, o Padre João Domingues Álvares Veiga; em 1886, o Padre Vicente de Argnézio. Nesse ano a Assembléia provincial concedeu 250$ para reparos da igreja.

Foi elevado a Distrito policial em 22 de novembro de 1900. Coordenadas da Capela: Lat. 26° 47' Sul; Long. 48° 16' W. Greenwich.

O FAROL existente à entrada da barra de Itajaí, na ponta das Cabeçudas, foi inaugurado em 15 de novembro de 1902. E' um farol dióptrico, de 5.ª ordem. Luz branca, fixa, variada por lampejos brancos de 30 em 30 segundos. Alcance de 12 milhas em tempo claro. Dez e meio metros acima do solo e 56 acima do preamar. Dista 20 milhas a NE da Ilha do Arvoredo e oito da Ponta de Camboriú.

* * *

A ATUAL cidade de Gaspar, sede do futuroso município entre Blumenau e Itajaí, foi fundada por volta de 1837 por colonos vindos para os arraiais de Pocinho e Belchior, criados pela lei n.º 11, de 1835. A lei n.º 509, de 25 de abril de 1861 criou a freguesia sob a denominação de São Pedro Apóstolo. Na mesma data ali foi criado um distrito policial. Em 1893 passou a pertencer à comarca de Itajaí, voltando, depois, novamente à jurisdição de Blumenau, até a sua emancipação.

* * *

NA Fala do Presidente Coutinho à Assembléia Legislativa, em 1.º de março de 1851, consta o seguinte sôbre a igreja matriz do SS. Sacramento do Itajaí: "A igreja de Itajaí, tendo caído, foram recolhidas as imagens na casa do Coronel Agostinho Alves Ramos".

A BACIA DO ITAJAÍ E OS SEUS MONUMENTOS

SITUADA na principal praça da cidade e dedicada a São João Batista, a igreja matriz de Rio do Sul, é um verdadeiro monumento arquitetônico, ao qual os reverendos padres Salesianos, seus administradores, se esmeraram em dar o máximo de imponência.

Externamente é, como se vê da foto, um primor de estilo e construção. O interior, amplo, claro, decorado por mãos de artistas renomados, impõe-se pela severa piedade do ambiente.

A planta é de autoria do arquiteto Simão Gramlich, responsável pelo traçado de várias igrejas de S. Catarina e no Rio Grande do Sul, tôdas vasadas num estilo próprio, impressionante pela elegância das linhas, como a matriz de Itajaí, as de Gaspar, Santa Cruz do Sul, Venâncio Ayres e outras.

A matriz de São João Batista foi consagrada no dia de seu patrono, no ano passado, estando presentes à solenidade, além do prelado diocesano, altas autoridades civis e eclesiásticas, inclusive o venerando frei

A CRUZ COMO SÍMBOLO

Nemésio HEUSI

ATÉ então procuramos mostrar, em face de fatos e documentos, que não foi Antônio Menezes Vasconcellos de Drumond o fundador e, nem a data de 1820 é correspondente à fundação de Itajaí; aliás, o próprio Marcos Konder em a "Pequena Pátria" diz, *textualmente*: "A data exata da fundação (de Itajaí) não consegui averiguar". De fato, é difícil se precisar a data, muito principalmente, como a da fundação de Itajaí onde a história não nos mostra um acontecimento preciso, que caracterizasse aquêle efeito.

O que tem sempre fixado no Brasil os sucessos históricos de descobertas e fundações, tem sido a Cruz de Cristo. Assim foi que a Primeira Missa rezada em solo brasileiro e a segunda, logo após Cabral tomar o Brasil como feudo de Portugal, foi o que de direito confirmou a descoberta e a posse dêste novo continente.

Foram os Jesuítas os nossos desbravadores, foram êles que fincaram as primeiras cruzes por êste Brasil em fora. Senão vejamos o que Castro Alves tão bem cantou sôbre êstes mártires a quem tanto devemos:

"O martírio, o deserto, o cardo, o espinho,
A pedra, a serpe do sertão maninho,
A fome, o frio, a dor,
Os insetos, os rios, as lianas,
Chuvas, miasmas, setas e savanas,
Horror e mais horror...
Nada turbava aquelas frontes calmas,
Nada curvava aquelas grandes almas,
Voltadas pra amplidão...
No entanto êles só tinham na jornada
Por couraça — a sotaina esfarrapada...
E uma CRUZ — por bordão".

Esta epopéia de Castro Alves, bem a merecem os Nóbregas

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR

Estanislao Schaette, o notável educador que foi o sacerdote que presidiu à primeira festa de São João Batista, nos primórdios do povoamento de Rio do Sul.

Congratulamo-nos com os beneméritos filhos de Dom Bosco pela obra monumental com que enriqueceram a próspera e simpática cidade que assinala o sítio em que se forma o maior rio do litoral catarinense, o Itajaí-açu.

e Anchietas, heróis de tôdas as horas; desbravadores de selvas, descobridores incansáveis que sempre cheios de caridade e compaixão levaram a fé, formando lugarejos, sítios, fazendas, vilas e cidades como verdadeiros santos da nossa nacionalidade. Quantas cruzes cravaram pelo Brasil vasto e imenso, quanta dor, quanto sofrimento deram em holocausto à formação da Pátria Brasileira. Humberto de Campos assim termina um soneto, dedicado também aos Jesuítas:

"...A cruz quando fechar os braços
Há de dizer a séculos melhores
Que a civilização seguiu seus passos!".

Não temos dúvidas que as cruzes que os Jesuítas fincaram, pela vez primeira, em nosso solo pátrio e, que até hoje ainda seguem as pegadas da nossa Santa Igreja Católica, têm sido o símbolo que caracterizou e ainda caracteriza, os primórdios de uma civilização e as fundações de nossas vilas e cidades. Sendo assim, o lógico e admissível é que déssemos como data da fundação, efetiva, de Itajaí a data de 31 de março de 1824 que foi quando o pequeno arraial passou a Curato e nomeado o seu capelão pela provisão episcopal abaixo: "Dom José Caetano da Silva Coutinho, por mercê de Deus e da Santa Sé Apca., Bispo do Rio de Janeiro, Capelão Mor de sua mag. Imperial, do seu Conselho e Presidente da Mesa da Consciencia e Ordem, etc. Aos q. a presente Nossa Provisam virem Saude e Benção. Fazemos saber que atendendo Nós a suficiencia e bom procedimento do Rev. Pe. Frei Pedro Antonio Agote, Religioso Franciscano. Havemos por bem de o prover, como pela presente Nossa Provisam o provemos e enquanto não mandarmos o contrario em a Ocupação de Capelão curado no Districto de Itajahy que comprehende todos os moradores entre Rio Gravatá do Norte e o Rio Camboriu do Sul a qual Ocupação servirá bem e fielmente como convem ao serviço de Deus e bem das almas dos moradores do mencionado districto, administrando-lhes os Sacramentos e absolvendo-os de todos os pecados excepto os reservados, actuaes, voluntarios concubinatos e occasiões (?) proximas, fazendo Estações ensinando a doutrina cristã principalmente aos pequenos e pessoas rudes que necessitarem de a saber e muito lhe encarregamos e boa direção das almas dos moradores do districto, do que dará contas a Deus Nosso Senhor e na dita Occupação perceberá os fructos da ... e pé de altar segundo o costume do Bispado além da Congrua em que convencionar com o povo e todos os mais próes e percalços que direitamente lhe pertencerem e lhe conceder mais a facilidade de poder benzer na forma do Ritual Cemiterios e uma Capela do Smo. Sacramento logo que estiver acabada e em termos de se celebrar o Sto. Sacrificio da missa, authorizando-o para celebrar entretanto no Oratorio particular que lhe parecer decente. E mandarmos a todos os moradores do referido districto reconhecer ao dito Pe. Frei Pedro Antonio Agote por seu Capelão Curado e como tal o estimem, obedeção e bem o tratem em tudo quanto são obrigados e para que inteiramente assim se observe a publicará em a primeira Dominga ou dia festivo aos seus Aplicados; e será apresentada ao Revd. Vigario da Vara respectiva para fazer cumprir e registrar. Dada nesta leal e heroica cidade do Rio de Janeiro sob o Nosso Sinal e Sello da N. Chanc. a, aos trinta e hum de Março de mil oitocentos e vinte e quatro. E eu Padre Francisco dos Santos Pinto, Es-

crivão da Comarca Episcopal a subscrevi. — J. Bispo do Rio de Janeiro, Capelão Mor".

Desde a elevação a Curato e a nomeação do seu Cura, pode-se dizer que Itajaí começou a surgir por entre os caminhos da civilização até chegar a sua completa formação histórica. Portanto, é a data de 31 de março de 1824 aquela que melhor se fixa como a verdadeira data da fundação de Itajaí, porque daí em diante, iluminado pelas luzes da Igreja e o símbolo da Cruz de Cristo, ganhou a Fé que forjou o trabalho de nossos antepassados para construírem de um simples arraial uma cidade que hoje tanto nos orgulha.

Não erramos se dermos como data da fundação de Itajaí o dia 31 de março de 1824 e como seu fundador Agostinho Alves Ramos.

A provisão episcopal autorizava o Padre Frei Pedro Antonio Agote a rezar enquanto não houvesse capela em ... "Oratório particular que lhe parecer decente". Êste oratório existia em casa do Major Agostinho Alves Ramos que segundo Almirante Lucas A. Boiteux: ... "Estabelecido que foi em Itajaí, o então Major Agostinho Alves Ramos armou, em uma das dependências de seu solar, pequena capela e, de longe em longe, os vigários e capelões de Itapocoroí e Pôrto-Belo, realizavam ofícios divinos. MERCÊ DE SEU PRESTÍGIO, a 31 de março de 1824, o pequeno arraial foi elevado a Curato e nomeado o seu Capelão".

Como se vê, dado o prestígio de Agostinho Alves Ramos foi conseguido o Curato e nomeado o capelão Padre Agote, como nosso primeiro cura. É estranho que até hoje nenhuma homenagem pública se tenha feito em honra de nosso primeiro Capelão; ainda é tempo de remendarmos esta nossa injustiça.

É também uma injustiça clamorosa que permitimos em fazer a memória de Agostinho Alves Ramos, êste pioneiro e nosso legítimo colonizador. O seu nome está ausente há mais de século de qualquer ato público que qualquer Prefeito ou vereador tenha praticado, é como se êle nunca tivesse existido. Não é possível que os homens públicos de Itajaí tenham esquecido ou ignorem a verdadeira história de nossa terra que não pode de forma alguma ser guiada pela "Pequena Pátria" de Marcos Konder, cheia de omissões, como sinceramente, o seu próprio autor confessa.

A Pequena Pátria de Marcos Konder é trabalho que muito enaltece o seu autor, mas é preciso que se faça as devidas alterações, quanto ao fundador e data de fundação de Itajaí, para que não se ensine às futuras gerações erradamente. Mais tarde ou mais cedo a pesquisa histórica haveria de esclarecer os fatos e, hoje, sem dúvida, estão esclarecidos. Persistir em dar Vasconcellos de Drumond como fundador de Itajaí, omitindo injustamente o nome de Agostinho Alves Ramos é atentar contra a verdade que salta aos olhos do mais superficial observador, é praticar injustiça para com o passado onde vamos buscar tôda fonte de nossos ensinamentos e que nos compete, honrar, acima de tudo; porque uma terra que não respeita e não cultiva o seu passado é como uma árvore sem raízes, de vida efêmera e que não resiste o leve soprar dos ventos da realidade.

A INSTALAÇÃO DA COMARCA DE BLUMENAU

A 30 de agôsto de 1886, pela Lei Estadual N.º 1109, foi criada a Comarca de Blumenau, a qual, porém, sòmente três e meio anos mais tarde foi solenemente instalada, talvez devido a mudança do regime governamental. No Livro das Atas do Tribunal do Júri da Comarca de Blumenau, encontra-se a respectiva ata de instalação que a seguir transcrevemos:

"ACTA DA INSTALLAÇÃO DA COMARCA DE BLUMENAU, creada pela Lei N.º 1109, de 30 de Agosto de 1886.

Aos dez dias do mez de Fevereiro do anno de mil oitocentos e noventa, n'esta Villa de Blumenau, no Paço da Intendencia, ás dez horas da manhã, presentes o cidadão Gustavo Salinger, 1.º Supplente do Juizo Municipal em exercicio de Juiz de Direito, o Promotor Publico da Comarca, Manoel Agostinho Demoro, commigo escrivão de seu cargo abaixo nomeado, o Juiz de Direito Lêo os officios do Dr. Governador da Provincia, dando que fosse installada a Comarca hoje, pelo Juiz de Direito e tendo este lhe passado a jurisdicção sendo esta a razão porque tinha logar esta installação. Em seguida o Juiz de Direito deferío o juramento ao Promotor Publico e findo o juramento declarou que se achava installada a Comarca de Blumenau. Declarou mais que uzando das attribuições que lhe faculta a Lei nomeava o tabellião d'este Termo, Elesbão Pinto da Luz, para official do Registro de Hypothecas. E para constar mandou lavrar esta acta em que assigna com as pessoas presentes. Eu, Elesbão Pinto da Luz, Escrivão que o escrevi. (Seguem-se as seguintes assinaturas) Gustavo Salinger, Manoel Agostinho Demoro, José Bonifacio Cunha, Francisco da Cunha Silveira, Henrique Probst, P. José Maria Jacobs, Vigário José Agostinho Pereira, Henrique Clasen, Gottlieb Reif, Fr. Rabe, Felipe Doerck, Paulo Schwarzer, Henrique Frohner, Victorino de Paula Ramos, Benjamim Carlos de Oliveira, José Henrique Flôres, Leopoldo Knoblauch, Guilherme Gross, Antonio Haertel, Christiano Schmidt, Otto Wehmuth, João Jacob Mueller, Hugo Riedel, Hermann Jahn, Fides Deeke, Polidoro Dias de Moura, Otto Stutzer, Elesbão Pinto da Luz".

E aqui vai mais um documento interessante, que se acha registrado no livro de notas n.º 45, a fls. 36, do 1.º Tabelião desta Comarca e que se refere à inauguração dos trabalhos da "Tramway" a vapor, de Blumenau a Aquidaban, o atual distrito de Apiúna. Êsse "Tramway" a vapor, a que já fizemos referências no artigo publicado no número 2, dêstes Cadernos, página 29, foi a origem da nossa atual Estrada de Ferro Santa Catarina. Estamos certos que os nossos leitores gostarão da transcrição, pois é um documento pouco conhecido:

"Acta da Inauguração dos trabalhos da Tramway á vapor Blumenau Aquidaban.

Aos dezoito dias do mez de Dezembro do anno de mil oitocentos e noventa e nove, um décimo da republica, n'esta cidade de Blumenau, Estado de Santa Catharina, nos terrenos pertencentes ao cidadão Henrique Krohberger, em presença de grande numero de cidadãos e representantes de diversas authoridades estadoaes e locaes procedeu-se solemnemente á inauguração dos trabalhos da construção da tramway á vapor entre esta cidade de Blumenau e a povoação de Aquidaban, de concessão Municipal e Estadoal, aquella feita ao cidadão engenheiro Frederico von Ockel e cidadão Henrique Frederico Schmidt e esta ao dito engenheiro Frederico von Ockel de dezessete de Julho de mil oitocentos noventa e cinco e seis de Dezembro do corrente anno. Convidado pelo concessionario Frederico von Ockel o cidadão Dr. Superintendente Municipal declarou inaugurados os trabalhos, fincando a primeira estaca, estando presentes ao acto o Dr. Governador do Estado, representado pelo Auxiliar Technico da repartição de Obras Publicas, cidadão Henrique Krohberger. E para constar, e a convite do concessionario Frederico von Ockel estive presente e lavrei a presente acta que vai por mim tabellião Fides Deeke escripta e assignada pelos presentes. Eu Fides Deeke, tabellião que a escrevi. (Assinados): Henrique Krohberger, representante do Dr. Governador do Estado; Dr. José Bonifácio da Cunha, Superintendente Municipal, representando o presidente do Conselho Municipal; Carlos Jensen Junior, vice-presidente; Gustavo Salinger, consul alemão; Pedro Cristiano Feddersen, deputado estadoal e conselheiro municipal; Luiz Abry, deputado estadoal; Francisco Margarida, deputado estadoal; Leopoldo Knoblauch, comissário de policia; Manoel Barreto, promotor público; Frederico Specht; F. Blohm; Hermann Hering Senior; Eugen Fouquet, Redakteur des Urwaldsbote; Hermann Baumgarten, redator do "Blumenauer-Zeitung"; Otto Stutzer; Luiz Altembourg — Altembourg, Filhos & Cia.; H. Faulhaber, Cura Evangélico; Rudolf Altembourg; H. F. Schmidt; Gustavo Salinger & Cia.; Bruno Lungershausen; Alvin Schrader; G. Arthur Koehler; Friedrich van Ockel, concessionario do Tramway á vapor Blumenau a Aquidaban e limites do município; Francisco Margarida, correspondente da "A Republica".

Relatórios do Dr. Blumenau

Relatório referente a 1857

No meu relatório, que tive a honra de dirigir ao Exmo. Sr. Diretor geral das terras públicas, expus largamente os progressos e o estado da minha colônia no fim do ano p. passado.

Impedido por contínuos incômodos de saúde e sobrecarregado de trabalho pela chegada de muitos colonos, e repetida doença do meu guarda-livros, no princípio do novo ano, não me foi porém possível concluí-lo antes de 10 de fevereiro e expedi-lo senão em 17 ao Delegado do Exmo. Sr. Diretor Geral em S. Catarina, a cujas mãos chegara em 24 do mesmo mês. Apesar das minhas instâncias, de mandá-lo à repartição geral com a possível pressa, ficara porém jazendo na Secretaria do Govêrno de Santa Catarina, por um inqualificável desleixo, até fins de março e não chegava à côrte senão em 4 de abril, de maneira que se tornava quase impossível tirar um extrato do mesmo relatório, pelo qual se podia conhecer o estado da colônia, avaliar os seus progressos, como as dificuldades com que lutei e ainda tenho a lutar, e enfim fazer-se um juízo comparativo com diversas outras emprêsas coloniais. A falta de pormenores sôbre a minha emprêsa no Relatório do Exmo. Sr. Diretor Geral seguramente que não me servirá de recomendação.

Que todavia não tenho a temer tal comparação até com a colônia Dona Francisca, que tanto foi favorecida e cujos empreendedores dispõem de tão grandes fundos pecuniários e gozam de tanta influência em mais de uma parte e região e ainda menos com outras que tais emprêsas; que sobretudo cuido em introduzir lavradores trabalhadores, favorecendo e animando o mais possível a agricultura, se pode deduzir dos seguintes dados estatísticos: A colônia Dona Francisca havia de introduzir no ano p. passado, 1.000 colonos e introduzir efetivamente 556 ou 55 6/10% daquele número; todos êstes lhe são abonados na conta dos prêmios fornecidos pelo Govêrno Imperial uma vez que foram embarcados do pôrto de Hamburgo para o pôrto de São Francisco e neste desembarcados embora não entrem todos êles efetivamente na colônia, mas logo e até da cidade de São Francisco se dirigiram a outra parte. Eu devia introduzir 400 colonos e tendo efetivamente introduzido **na colônia** 290, a proporção é de 72 5/10% daquele número; se porém me fôsse abonado na conta o número total dos colonos, embarcados em Hamburgo com destino ao Itajaí e desembarcados na Província, mas que logo, em número de 59 pessoas, se dirigiram ou foram aliciados e angariados para outras partes, a proporção teria sido de 87%. A população da colônia Dona Francisca foi de 1428, a da colônia Blumenau de 468 almas, e, juntando-se a esta a população alemã ao pé dela, que de direito lhe devia pertencer, ou ser levada em conta, em número de 81 almas, é de 549. Naquela colônia existem 215 e nesta, incluídos 16 fogos alemães ao pé dela, 110; e contando-se os fogos em construção no fim do ano p. passado e atualmente acabados, 118 fogos. A proporção dos fogos à população é pois naquela colônia como 15 a 100, e na minha, contando-se exclusivamente a própria colônia com 468 almas e 94 fogos **acabados**, excluídos os que se achavam em construção é de 20% e juntando-se-lhe a população alemã ao pé dela e os fogos então em construção e hoje acabados, é de 21%. Naquela colônia havia sôbre 556 colonos introduzidos em 1856 um acréscimo de 17 fogos ou 3%. Na minha sôbre 290 um dito de 40 fogos ou de 13 8/10%.

Segue-se daí que estabeleci e introduzi número de famílias relativamente muito maior. Naque-

la colônia havia sôbre 1428 almas, 79 animais vacuuns e 68 cavalares: na minha 76 vacuuns e 11 cavalares e muares sôbre 468 almas, excede muito ao agradável. Naquela, que existe desde o ano de 1851 e sempre foi favorecida por uma considerável e regular imigração, existem 30 engenhos de farinha de mandioca, 9 de aguardente, 4 de arroz, 3 de moer milho e 2 de serrar madeiras. Na minha, que principiava dois anos mais tarde com fraquíssimos meios pecuniários e diminuta imigração, em que no ano de 1853 entraram apenas 8 colonos e que em 1855 quase na sua totalidade foi devastada por uma terrível inundação, que destruiu 5/6 de tôdas as plantações e causou outros inúmeros estragos e perdas, existem sempre 5 engenhos de mandioca, 5 ditos de açúcar com um aparelho centrífugo para purgá-lo, e 3 alambiques, dois de moer milho e dois de serrar; e se não houvesse a desastrosa enchente, que tantas perdas e prejuízos causava a mim e tanto rechaçava a maior parte dos colonos na sua fortuna e prosperidade, êste número seria muito maior, aumentando-se todavia ainda no presente ano por alguns engenhos. E note-se ainda que segundo os cálculos do antigo secretário da companhia da colônia Dona Francisca nesta entrava e foi empregado desde o seu princípio até fins de 1855 uma soma maior de 700.000 "thalers" de capital **particular** além das consideráveis quantias que por conta da companhia foram dispendidas; acho esta soma muito exagerada, mas reduzindo-a até 200.000 "thalers" ou 260 contos de réis ou a 2/7 da sua importância constitui ainda sempre mais do **décuplo** do cabedal particular entrado na minha colônia, não havendo além disso naquela tantas causas de perdas e destruição, enchentes etc. como no Itajaí. O progresso daquela colônia comparado com o mesmo da minha podia, pois ser muito maior.

Exibindo o referido, não é nem pode ser da minha intenção querer rebaixar a colônia Dona Francisca e seus empreendedores e exaltar-me a mim às suas custas; a florescência de uma aproveita também a outra colônia e da prosperidade daquela depende o engrandecimento da minha ainda mais, do que o engrandecimento da colônia Dona Francisca da prosperidade da minha, por ser esta, a muito respeito, a inferior. Além disso dei bastante provas do desinterêsse aos próprios diretores daquela colônia e todos os meus folhetos, publicados na Alemanha provam, que não trabalho em favor só da minha emprêsa, mas da colonização brasileira — alemã em geral. Mas a indisposição com que parece, que em certas partes são contemplados a minha pessoa, meus esforços e minha emprêsa, me constrange a reabilitar os fatos e sua lógica a fim de que a minha colônia que já luta com tantas dificuldades, não fique ainda mais prejudicada por esquecimento ou influências menos benévolas.

Tendo eu assim exposto no meu relatório os progressos e o estado atual da colônia, passei às dificuldades que me rodeiam e aos obstáculos que achei para fazer tudo o que desejava e ainda mais do que efetivamente fiz e podia fazer. Mencionava os bugres gentios, que tendo no ano p. passado assassinado dois colonos recém-chegados, pais de família e, no presente, um brasileiro estabelecido não muito distante da barra, andam sempre vagando naquela região e não me permitem, de estabelecer os colonos como muitas vêzes era preciso e conveniente, mas de maneira tal que cada nova habitação se ligue a uma casa e derrubada já existentes e destas possa ficar vigiada, não podendo eu arriscar-me sem o maior perigo, a estabelecer um colono no pleno mato, até quando a sua casa não ficasse da próxima habitação, distante senão cem braças, porém fôsse inteiramente cingida pelo mato. Reclamei, pois, visto que às rondas dos doze pedestres existentes, como guarda na colônia, não podem sempre prevenir e impedir um sobressalto ou assassinato e tal funesto acontecimento, gravemente havia de comprometer o futuro da colonização no Itajaí, certas medidas

e autorizações contra êste mal e que me seja concedida uma pequena quantia, para poder fazer um tratado com os bugres ou rechaçá-los por meio de entradas e represálias igualmente sanguinolentas como os sobressaltos dos bugres.

Falei então sôbre as diferenças dos preços do trabalho, dos víveres, das comissões dos agentes e enfim de tôdas as mais despesas inerentes à minha emprêsa no tempo em que estabeleci os cálculos, que serviam de base ao meu contrato com o G. I. e na época recém-passada e na atual e sôbre os grandes e quase insuperáveis embaraços em que fui pôsto pela mudança que desde então se deu nos mesmos preços e despesas. Esta mudança foi em efeito tão enorme e tanto além de tôdas as pressuposições razoáveis que completamente e para grande prejuízo e ânimo meus destruiu todos os meus cálculos anteriores. Tendo eu estabelecido os mesmos nos meados do ano 1854, da maneira mais conscienciosa e segundo as minhas experiências, colhidas desde anos não tomei e razoàvelmente não podia tomar em conta nem as consideráveis perdas de capital, que logo depois sofria direta e indiretamente por diversas causas além do meu querer e poder e sobretudo pela referida enchente e suas funestas conseqüências e tão pouco podia prever um aumento de todos os preços e despesas tal, que fêz subir geralmente a mais de dôbro, até ao triplo e quádruplo a quantia, que a princípio eu havia calculado como indispensável e suficiente. O meu ponto de mira foi a continuação, a prosperidade e o engrandecimento da minha emprêsa e não pedia dela outros lucros, que não fôssem os precisos, para poder sustentá-la com vigor e eu modestamente viver; foi a minha ambição e meu orgulho cumprir a risco e a todo o transe o meu contrato e assim evidenciar que, quem fôr guiado por experiência e dotado de atividade, boa vontade e retidão mesmo com diminutos meios possa fazer alguma e até muita cousa. Fiz pois cálculos conscienciosos e razoáveis; dando-se logo um pequeno desfalque, esperava poder cobri-lo, diminuindo a um mínimo os meus gastos pessoais e sacrificando o modesto lucro, que julgava em parte poder e dever esperar. Não podia porém prever nem tomar em conta que em vez de um pequeno lucro, que estava disposto a sacrificar, se dessem infortúnios extraordinários e fora de qualquer probabilidade e em conseqüência perdas e prejuízos bem consideráveis para as minhas circunstâncias; e ainda menos podia prever o exorbitante aumento de todos e quaisquer preços e despesas. Em efeito a mesma quantia com que na época do estabelecimento dos meus cálculos podia estabelecer e sustentar 300 colonos, hoje chega apenas para cem e quando muito para 130 até 150; naquele tempo pagava-se ao agente engajador e expedidor de colonos a comissão de 2$340, 3$900 e quando muito de 5$460 por colono adulto, entretanto que no ano passado paguei 13$000 e hoje me pede 20$000 por "cabeça" de adultos e 13$666 de menores (ou 2/5 do prêmio que o G. I. paga aos empreendedores de colônias) ou 15$000 por adulto, 20% do produto bruto da venda das minhas terras e, no fim de dez anos, 25% do valor da minha propriedade territorial; naquela época calculei as despesas da fatura da estrada da barra d'Itajaí até a colônia de uma extensão de pouco mais ou menos doze léguas em Rs ...... 5:500$000, hoje e depois da terrível enchente que levara a maior parte das pontes então existentes e deu uma lição dispensiosa, porém instrutiva, contra cuja repetição se deve tomar cautela, não posso calcular essas despesas em menos de 15 contos, além daquilo que já gastei e o Sr. Presidente da Província julga, que apenas 25 hão de chegar. O mesmo se deu e ainda se dá com as mais construções para uso público, que me obrigara fazer às minhas custas; como com caminhos e edifícios particulares, com a medição das terras e enfim com todo e qualquer trabalho e despesa que geral e regularmente é o dôbro e muitas vêzes o triplo e ainda mais daquilo que, faz 4 anos, calculei e

naquela época razoàvelmente podia calcular. Chegando um número de colonos e calculando eu logo de um lado a importância das diversas comissões, gratificações e mais despesas diretas do transporte à colônia, gratificação do empregado da alfândega, que devo pagar à caixa desta, enfim a despesa geral com o respectivo transporte dos colonos até êles terem chegado à colônia, do outro lado a receita, proveniente dos prêmios pagos pelo Govêrno Imperial e da venda das terras, únicas fontes daquela, saiu como resultado final, que desta receita deduzida a importância das despesas por ora não me ficavam senão 30% e no decurso e fim de três anos mais 15 a 20%, provenientes êstes da venda das terras vendidas a prazo. E com êstes 30, respectivamente 45 e quando muito e muito 50% devo pois sustentar a emprêsa a todos os respeitos, pagar guarda-livros, agrimensor etc., medir terras, fazer caminhos na colônia, etc., e enfim cumprir as obrigações a que me comprometi e sujeitei para com o Govêrno Imperial. É óbvio que é isso uma absoluta impossibilidade.

Tendo assim no meu relatório exposto êste lado da minha emprêsa a ponto de tantas e tão graves perdas pecuniárias e do enorme aumento das despesas, a posição desvantajosa e até crítica, que para mim e a continuação da minha emprêsa, daí resulta, tendo ligeiramente apontado que as obrigações, com que fui carregado são infinitamente maiores e mais pesadas do que aquelas que se impôs a diversas outras tais emprêsas as quais são auxiliadas com consideráveis quantias para construírem igrejas, casas de escola, moradas de padres e fazerem pontes e estradas, entretanto que eu devo fazer tudo isso às minhas próprias custas — passei ao outro lado da emprêsa e às probabilidades de maior sucesso e do progressivo desenvolvimento como às bem fundadas esperanças que neste respeito com razão posso nutrir.

(CONTINUA NO PRÓXIMO CADERNO)

JUSTAMENTE quando se travavam os combates entre as fôrças paraguaias e brasileiras, na guerra que o Brasil teve que sustentar contra o ditador do Paraguai, Solano Lopez, o Dr. Blumenau tratava da colonização e povoamento das margens do Itajaí, de Indaial para cima, Benedito, Rodeio, Ilse, Warnow etc. A algumas povoações foram postos nomes de localidades paraguaias onde se travaram combates favoráveis ao Brasil. Daí vêm os nomes de Aquidaban, com que, até pouco tempo, era conhecido o atual distrito de Ibiúna e o do futuroso distrito de Ascurra, no município de Indaial.

Estante de "Cadernos"

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 197

Além da ata da fundação do Instituto, subscrita pelos expoentes da cultura intelectual barriga-verde, o Boletim publica interessantes trabalhos originais de Dona Gertrudes Gross Hering, de Jorge Knoll, de Rodolfo Damm e traduções de Custódio Campos, elaboradas com a proficiência e maestria que todos lhe reconhecem.

É uma publicação digna dos maiores aplausos.

Agradecendo o exemplar que nos foi enviado, felicitamos os realizadores do Instituto e especialmente os diretores do Boletim, Snrs. Custódio Campos e José Cordeiro, nomes sobejamente conhecidos nos meios intelectuais catarinenses.

Estante de "Cadernos"

Marcos Konder — "PALAVRAS E REALIZAÇÕES"
Livraria e Tipografia Blumenauense S/A.

REUNINDO, em brochura de cem páginas, de feição limpa e agradável, vários discursos pronunciados quando governador de Itajaí, o Sr. Marcos Konder traz a público dados interessantes sôbre a sua administração.

À frente dos destinos de sua terra natal, o Sr. Marcos Konder prestou-lhe assinalados serviços, com a realização de obras de alto significado para a vida econômica e social do município. Itajaí deve a êsse seu dedicado filho, não apenas a honra do seu inestimável concurso intelectual, da sua cultura, da sua atividade no campo das letras, melhoramentos como o mercado público (1917), o magnífico prédio do Paço Municipal (1925); as sedes da intendência de Luiz Alves (1930); Caixa d'água da Ressacada; iluminação elétrica de Luiz Alves e do bairro dos Navegantes; ponte sôbre o Itajaí-mirim, na Barra do Rio; cadastro urbano e de Cabeçudas; vários edifícios escolares, etc.

O valor do opúsculo não se resume no registro — que só por si justificaria a sua perpetuação em letra de fôrma — dos mais notáveis acontecimentos ocorridos nas administrações do Sr. Konder. Êle vale, também, como um precioso repositório de importantes fatos históricos, até agora inéditos e que certamente se perderiam não fôsse a feliz lembrança da sua impressão. E vale ainda como um expressivo atestado do entranhado amor que o autor dedica à sua pequena pátria, ao seu querido e risonho Itajaí.

Felicitando o Sr. Marcos Konder pela louvável iniciativa, agradecemos o exemplar que nos foi enviado com expressiva dedicatória.

"TRIBUNA DE PETRÓPOLIS"

O NOSSO prezado amigo, Sr. Guilherme Auler, nos tem enviado exemplares do brilhante jornal que dirige, "Tribuna de Petrópolis", com farto noticiário sôbre os festejos comemorativos do centenário da colonização alemã de Juiz de Fora, a importante cidade mineira, de tanta projeção na vida econômica e industrial do país. Êsse noticiário registra fatos e discursos muito interessantes que irão para os nossos arquivos, dada a identidade de propósitos, de ideal que une os pioneiros que fundaram Blumenau aos que alicerçaram a grandeza material e moral de comunas como Petrópolis e Juiz de Fora.

Nossos agradecimentos ao Sr. Auler de quem esperamos continuar recebendo estímulo e apoio para o nosso árduo empreendimento.

"DER URWALDSBOTE"

POR ocasião das comemorações do 60.° aniversário de seu feliz matrimônio, o casal Max e Clara Hering teve uma feliz idéia, que merece especial registro.

Vindo dos bons tempos da velha Blumenau colonial, quando as carroças de leite e de verduras ainda rodavam pela rua principal da Stadtplatz, vendendo cereais, leite, ovos e manteiga (ah! a manteiga fresquinha que já não se vê mais) e galinhas que botavam a "bôca no mundo" quando as donas de casa, de aventais de imaculada brancura, lhes apalpavam as banhas;

da velha Blumenau colonial, onde as austeras figuras dos pioneiros, com suas longas barbas e os seus mais compridos cachimbos, enfeitados de borlas de lã colorida, sentavam-se, à mesa do *skat*, diante de respeitáveis canecas de chop, trazidas ainda da velha Germânia, com as características sentenças em letras góticas, douradas: "quem cem anos bebeu, cem anos viveu", na língua de Goethe e, entremeando a conversa séria com pilhérias marôtas, discutiam os problemas da administração da comuna;

da velha Blumenau dos bailes da "Frohsinn", da Schuetzenhaus, das competições das Gesangsvereine, dos torneios de ginástica, das bandas do Ruediger e do velho e gordo Werner que, nas horas vagas, deixava o pistão (parece que o estamos ainda sentindo a rebentar-nos os tímpanos) para dar cumprimento aos mandados de sua excelência o Rechtsrichter;

da velha Blumenau em que um simples policial mantinha a ordem em todo o município de mais de 11 mil quilômetros quadrados de superfície e que só usava o cubículo da cadeia local quando êle próprio, metido numa roda dos maiorais da terra, julgava-se igual a êles na capacidade de armazenar o conteúdo de garrafas e mais garrafas de cerveja do Jennerich, marca barbante, ia curtir a carraspana atrás das grades do xadrês, onde se metia voluntàriamente;

da velha Blumenau de Fritz Mueller, às turras com o pastor Fualhaber, com o Padre Jacobs, com os Baumgarten, os Friedenreich, tôda a plêiade de jornalistas e literatos, engalfinhados nas colunas dos jornais da época, brigando por questões de nonada no número de hoje, abraçando-se no de amanhã;

da velha Blumenau... sim, vindo dos bons tempos da velha Blumenau, com a qual a de hoje, a "cidade-palácio" pouco se assemelha, o casal Max e Clara Hering teve a feliz lembrança de comemorar as suas bodas de diamante com um "Sonderausgabe" do "Der Urwaldsbote", o semanário que durante várias décadas foi o porta-voz das aspirações do povo da vastíssima colônia, dos seus anseios, das suas necessidades; o cronista da sua vida diária, zeloso no registrar tudo quanto de interessante ia se sucedendo, na existência da comuna, nas sociedades, nas famílias, na administração pública.

"Der Urwaldsbote", na edição especial, comemorativa das bodas de diamante de Max Hering, traz a exata reprodução do cabeçalho do velho órgão da imprensa itajaiense, lamentàvelmente desaparecido e, apesar de seu pequeno formato, vem engalanado em magnífico papel brilhante, com lindos clichês do ilustre par e uma colaboração variada, alegre, onde a poesia se mistura com as referências brejeiras, as anedotas inocentes com as "carapuças" aos amigos e parentes, as datas históricas aos casos cômicos, ocorridos com conhecidos e membros da família, que é numerosa e das mais representativas do Vale do Itajaí. Enfim, um jornal que é, ao mesmo tempo, seriedade e pilhéria, triste e alegre, que faz

rir e deixa saudades; um jornal que há de, certamente, registrar para sempre, o feliz acontecimento que lhe deu causa, de uma maneira elegante, inteligente e, sobretudo, de admirável bom humor.

O casal Max e Clara Hering merecem parabéns pelo seu casamento de diamante. Mas merecem um abraço especial pela feliz lembrança que teve em reavivar a recordação dos velhos e bons tempos, do Blumenau dos primeiros anos do século e do hebdomadário que lhe acompanhou os passos durante várias e gloriosas décadas.

"PALAVRAS QUE NOS HONRAM"

"Blumenau em Cadernos" tem sido recebida com os mais destacados louvores por quantos a têm recebido. Sentimo-nos, por isso, desvanecidos e sobremodo honrados.

Dentre os muitos testemunhos que seguidamente nos chegam, destacamos as palavras que acaba de nos dirigir o nosso douto conterrâneo Líbero Oswaldo de Miranda, que ocupa as elevadas funções de Diretor Geral dos Telégrafos, do Rio de Janeiro e que foi sub-chefe da casa civil da Presidência da República durante o govêrno do saudoso Nereu Ramos. Em carta de 14 do corrente, escreve-nos o Dr. Líbero: "Não sei ainda se por sua própria iniciativa, ou pela de outro amigo, o que é verdade é que experimentei hoje grande satisfação ao manusear — aberta encomenda postal a mim dirigida — oito números dessa brilhante publicação, dedicada aos elevados interêsses do Vale do Itajaí e que, sob sua inteligente direção e orientação, vem sendo editada sob o sugestivo título de "Blumenau em Cadernos". Congratulando-me pelo valioso serviço que, com essa publicação, vem prestando ao nosso estado, felicito-o efusivamente, pela interessante apresentação que soube dar ao periódico".

Somos gratos à generosidade do Dr. Líbero de Miranda que esperamos poder contar entre o número dos nossos colaboradores.

"BOLETIM DO INSTITUTO CULTURAL BRASIL-ALEMANHA"

Por nímia gentileza do nosso prezado amigo, professor Custódio Campos, de Florianópolis, recebemos o primeiro número do "Boletim do Instituto Cultural Brasil-Alemanha", entidade há pouco fundada na capital do Estado por destacados elementos das Indústrias, do Comércio, da administração pública, da sociedade e dos meios intelectuais catarinenses.

Das palavras de apresentação destacamos: "O Instituto tem por escopo o intercâmbio e a cooperação culturais entre os dois países — Brasil e Alemanha. O Boletim, que é o seu órgão oficial, é também, o veículo natural para a consecução dêsse escopo. Através de suas páginas divulgaremos, em português e alemão, e, às vêzes em ambas as línguas, para confronto, lavores de uma e outra literatura, bem como quaisquer obras de arte subscritas por autores d'aquém e d'além mar".

Uma finalidade, sob todos os pontos de vista, louvável e digna de amparo e apoio de quantos se interessem pelas manifestações da inteligência e pela maior aproximação entre povos que têm muitos interêsses em comum e que procuram estreitar, cada vez mais, os laços que em muitos respeitos os unem.

CONTINUA NA PÁGINA 194

Setembro

1880 - dias 22 e 23. Nesses dias, as águas do grande Itajaí, em virtude de chuvas torrenciais e contínuas, abandonando o leito, subiram a grande altura (15 metros e 3 decímetros, segundo o relatório oficial), invadiram ruas e casas, causando danos enormes. Eis, em resumo, como o "Kolonie-Zeitung", jornal que se publicava em Joinvile, a 9 de outubro de 1880 narrava o fato: "A colônia Blumenau foi atingida por uma grande desgraça. Depois de muitas horas de chuva torrencial, as águas do Itajaí subiram a tal altura e tão repentinamente, que a maior parte dos atingidos mal pôde salvar a vida. Não há palavras que possam descrever a enorme catástrofe. Perderam-se vidas preciosas e os danos materiais foram incontáveis: casas demolidas, plantações destruídas; casas inteiras foram carregadas pelas águas. Pela uma e meia da madrugada, começou a se manifestar o perigo. E embora no dia precedente só se ouvisse falar em possibilidades de inundação, as águas tudo invadiram de repente, despertando homens e animais. Foi com enorme ânsia que se esperou o clarear do dia para o início da obra de salvamento. Neste, tomaram parte saliente o comandante e a tripulação do vapor "Progresso", incansáveis no transporte de pessoas do Garcia e da Vila, acolhendo-as nas igrejas católica e protestante. A êles, principalmente, se deve o fato de não ter havido perdas de vida a lamentar na Vila e seus próximos bairros. Com o nascer do dia, as colinas das igrejas citadas encheram-se de gente que foi socorrida pelo Padre Jacobs e pelo pastor Sandrewski. O número de pessoas que se refugiaram nas igrejas subiu a mais de quatrocentas. Indescritível o espetáculo que ali se observava. As crianças tiritando de frio, chorando aos gritos, punham naquele cenário tristíssimo uma nota comovedora e de desespêro. Algumas famílias conseguiram salvar alguma cousa dos seus haveres; outras ficaram apenas com a roupa do corpo. Os objetos que iam sendo retirados das águas eram amontoados na maior desordem. Os moços fizeram fogo, improvisaram uma cozinha. Em volta, tôda a enorme extensão, parecia um mar. Medonhas correntes d'água arrastavam portas, janelas, móveis e animais. O "Progresso" e outras embarcações venciam, com dificuldade, o ímpeto das águas

orientando-se pelas copas emergentes dos altos coqueiros. No dia 26 as águas começaram a baixar, aparecendo, então, as cumieiras do casario. E, na proporção da vasante, iam-se constatando e avaliando os prejuízos sofridos. Aqui uma casa completamente demolida; ali, dezenas cobertas de lama negra; os objetos e utensílios de uso doméstico completamente inutilizados. Onze foi o número de pessoas que pereceram no grande desastre". Muitos meses decorreram até que a situação começou a se normalizar. O govêrno auxiliou, na medida de suas fôrças, a reconstrução. Outros meios populosos mandaram, também, farta contribuição. Essa enchente de 1880 foi das maiores de que Blumenau já tem sido vítima. A de 1911 pareceu-se com a de 1880 e ocorreu também no mesmo mês de setembro.

1883 - dia 2. Realizou-se, no edifício da Câmara Municipal a eleição para dois juízes de paz, tendo sido escolhidos os senhores H. Froehner e H. Probst.

Tendo desde algumas semanas (fins de julho) aparecido uma epidemia de sarampo, as escolas públicas e particulares fecharam neste mês.

1883 - dia 4. Apresentou-se à polícia o indivíduo Teske que, dias antes, assassinara Carlos Heller. Teske, segundo os jornais da época, era um homem perigoso.

1883 - dia 9. Hugo Calgan e senhora realizam grande espetáculo na Sociedade dos Atiradores, constante de cenas luminosas, quadros vivos, etc.

Frau Huber, residente em Pommerstrasse, foi vítima de um doloroso acidente: Quando se ocupava em colocar canas de açúcar na moenda, por um descuido deixou apanhar o braço que ficou completamente moído.

A sessão do júri, que estava marcada para 25 de setembro dêste ano, não pôde realizar-se porque o juiz e o promotor não apareceram. No dia seguinte, 26, foi novamente aberta a sessão mas, desta vez, faltaram as testemunhas. O réu, um certo Benjamim, deveria, assim, aguardar, prêso, mais três meses até a reunião do novo júri. Mas Benjamim não estêve pelos autos: juntamente com um tal Becker, parricida, evadiu-se da cadeia, desparafusando a fechadura da porta. Becker foi depois prêso em Luiz Alves e reconduzido à cadeia local.

1883 - dia 28. O colono Pedro Wagner deu à liberdade sua escrava Perpétua. (Ver Caderno anterior, página 161 e 162).

1884 - dias 10, 11 e 12. Enchentes de pequenas proporções.

1888 - dia 21. É nomeado, vitalìciamente, escrivão de Órfãos de Blumenau, o prestante cidadão Fides Deeke.

1886 - dia 4. A Assembléia Provincial aprova a lei n.º 1116 que criou o distrito de Indaial e designou o dia 30 de janeiro seguinte para as eleições de juízes de paz.

Outubro

1883 - dia 3. A Turnverein (Sociedade de Ginástica) festejou, com grandes solenidades, o 10.º aniversário de sua fundação.

Elesbão Pinto da Luz foi nomeado Tabelião da Vila de Blumenau. Êsse Elesbão foi uma das vítimas da revolução de 1893 quando foi fuzilado, juntamente com o barão de Batovi e outros, na fortaleza de Santa Cruz do Anhatomirim.

O Coletor Guilherme Engelke foi transferido para Joinvile.

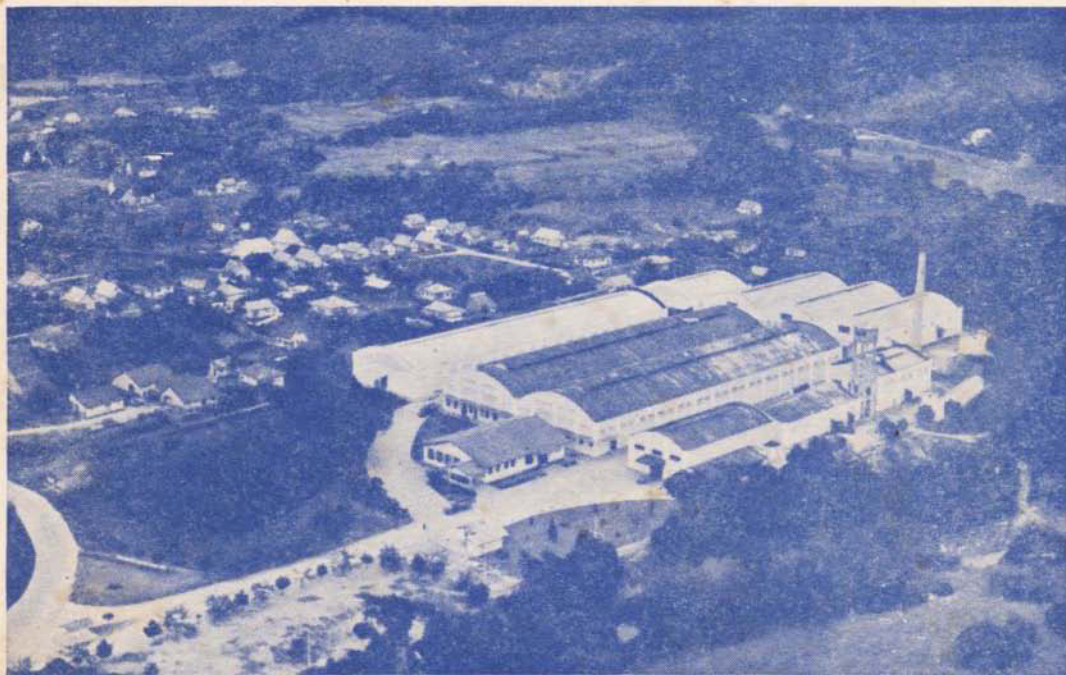
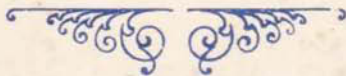
Em uma exposição que se realizara em Amsterdam, na Holanda, o município de Blumenau foi premiado com medalha de bronze pela apresentação de uma linda coleção de madeiras do Vale do Itajaí.

1884 - dia 1.º. Dona Margarida Freygang abre uma escola primária na vila.

O Doutor Blumenau é nomeado agente oficial da colonização brasileira em Hamburgo.

1884 - dia 11. Em todos os tempos e em todos os lugares se constata a tendência dos contribuintes para lesar o fisco. O "Blumenauer-Zeitung" desta data traz o seguinte e interessante artigo: "Como se sabe, a Câmara cobra um mil réis (Cr$ 1,00) por cabeça de gado suíno abatido para consumo. No trimestre de julho a setembro, foram arrecadados 159$000 (Cr$ 159,00) dêsse impôsto. No mesmo período de tempo, foram exportados: toucinho, 969 quilos; carne de porco defumada e sêca, 15.523 quilos e banha, 47.554 quilos, do que resulta que cada porco, sem ossos e outros restos, pesou 403 quilos, ou cêrca de 27 arrobas. Levando-se em consideração que, em média, 50 porcos dão 2.000 quilos de banha e 600 quilos de carne, a Câmara teria que receber 1:131$000 (Cr$ 1.131,00) e não 159$000. Onde ficam os restantes 1:072$000 de impôsto? Ou será que, aqui, de fato, o porco pesa, sem ossos e outros restos, 403 quilos? Ou será que a Câmara é que está sendo lograda?

1884 - dia 12. É consagrado o cemitério evangélico de Itoupava norte pelo pastor Sandrewski. — Houve festas populares e religiosas.

1884 - dia 19. Neste dia, Pedro e Dorotéia Lukas, dos mais velhos habitantes de Blumenau, festejaram suas bodas de ouro. Foram as segundas bodas de ouro que se festejaram na Colônia. O casal foi muito felicitado, tendo havido grandes festejos.

VISTA AÉREA DAS DEPENDÊNCIAS DO DEPARTAMENTO DE FUMO DA CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ, SITUADA À RUA AMAZONAS, 2.500.

BLUMENAU — SANTA CATARINA